



Vista aérea da Cidade de São Miguel de Taipu

A cidade de São Miguel de Taipu, fundada no ano de 1962, mas foi povoada no início do século XIX, com construção rústica em sua maior porção de casas de taipas e coberta de palha de cana ou capim, o que mais favorável na época e as madeiras eram adquiridas nas matas dos engenhos que eram abundantes na região, as primeiras edificações de tijolos datam do início da construção da igreja matriz a partir de 1875 onde sendo o povoado distrito de Cruz do Espírito Santo fez surgir no núcleo habitacional o mercado público e a construção das primeiras casas de alvenaria feita por Oiteiro para abrigar moradores que trabalhavam no engenho..

O Município é servido pela BR -230 pelas Rodovias Estaduais PN -042 e PB -048, distante 55,2 Km de João Pessoa, 80 Km de Campina Grande, 100 Km da Região Metropolitana do Recife, e 18 Km da Regional de Itabaiana, Município com o qual mantém o maior relacionamento.

O Município de São Miguel de Taipu integra a 12ª Região Administrativa com sede no Município de Itabaiana, Índice de Desenvolvimento Humano 0,524. A área territorial mantém limites com:



Vista entrada da cidade

Possui um Clima Tropical muito quente e úmido do tipo seco, baixa latitude, temperatura média anual é muito elevada entre 24° à 26° com pequena amplitude, 31°C, e mínima de 22° graus. Chove entre 1.000 e 1.250 mm, ao longo do ano.

Segundo IBGE/2009 a população é de 6.568 habitantes.

Norte : Município de Sobrado

Ao Sul: Município de Pedras de Fogo;

Ao Leste: Município de Cruz do Espírito Santo;

A Oeste: Município de Pilar. e Juripiranga



Igreja Matriz Fundada em 1875

A Igreja foi fundada para atender as missões e também os pedidos das religiosas da região onde apesar de cada engenho ter a sua capela

precisava de uma Igreja maior para se congregarem tendo em vista o grande número de engenhos próximos.

São Miguel de Taipu é um Município da Zona da Mata, situado no baixo Paraíba, a uma distância de 55 Km de João Pessoa, onde romancistas, poetas, roteiristas de cinema e cinegrafistas, além de escritores, se inspiram para elaborar livros, fazer filmagens, ensaios e romances. Sendo um orgulho para o Município.

OS ENGENHOS DO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DE TAIPU



Vista da Casa Grande do Engenho Oiteiro

O Engenho Oiteiro foi o que mais contribuiu para a formação da cidade, construiu várias casas e uma vila de casa abrigar as pessoa mais importantes da cidade que podia viver de aluguel, pois todas as casa eram alugadas tendo inclusive ainda hoje algumas de

propriedade de Oiteiro, algumas foram compradas pelos próprios moradores que ali nasceram e criaram seus filhos, outras foram compradas pelos comerciantes locais para expandirem seu comércio já todas ficam próximo do centro da cidade.



Casa Grande de Oiteiro Reformada no ano de 2009



Vista lateral da Casa Grande de Oiteiro



Pátio da Casa Grande onde ficava os tratores em exposição





O Engenho Outeiro em tupi guarani significa “uma colina, pequena elevação de terra.” Seu principal dono foram o casal (1º Casamento) Lourenço Bezerra de Albuquerque Melo e Luzia Lins Cavalcanti de Albuquerque Vieira de Melo (ela descendente de Engenho Novo) desse casal dessa união nasceu um único filho Gilberto Lins Cavalcanti de Albuquerque. Do 2º Casamento de Lourenço Bezerra de Albuquerque Melo com Emilia Augusta Lins Vieira de Albuquerque, nasceram os filhos: Henrique Vieira de Melo (casou com Clóris Monteiro Vieira no ano de 1950), Joaquim Bezerra de Melo, Maria Augusta Vieira de Albuquerque Melo, Estelita Bezerra de Melo, Angelita Bezerra de Melo e Ester Bezerra de Melo.



Romancistas, poetas, roteiristas de cinema e cinegrafistas, além de escritores, se encantaram com a beleza e estilo francês, se inspiram para elaborar livros, filmes, ensaios e romances. Isto por que, na área urbana deste pequeno rincão paraibano, está encravado o Engenho Outeiro, internacionalmente conhecido por servir de roteiro para filmes de reconhecida fama, como Menino de Engenho, A Bagaceira e Fogo Morto



Henrique Vieira de Albuquerque Melo

O Senhor de Engenho mais respeitados da região, educado e uma pessoa voltada para os interesses do município, organizado, foi um dos donos de engenhos da região que mais prosperou e modernizou a agropecuária no Nordeste do Brasil e por que não dizer no Estado da Paraíba.

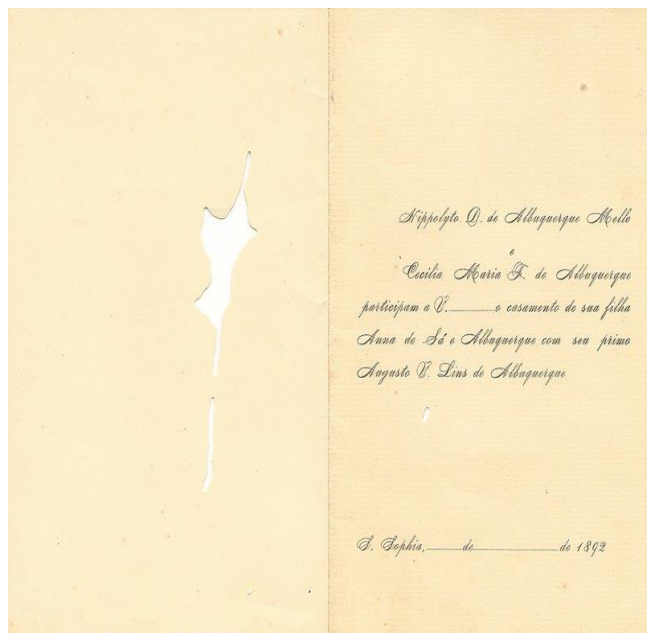
O Engenho Outeiro tornou-se conhecido em todo Estado da Paraíba e a nível Nacional por ser o único do Estado que tinha uma Maternidade de Inseminação artificial; servindo de celeiro para muitos estudantes de medicina veterinária do Brasil e de alguns país como; Estados Unidos e Japão, que até aqui visitaram para conhecer a técnica de inseminação e reprodução de espécie bovina.



Augusto Lins de Albuquerque Melo



Gilberto Lins



Cópia do Convite de casamento de Augusto Lins Vieira de Albuquerque Melo em 1862



partriarca da família Lins



Cópia do Título de Eleito de Augusto Lins de Albuquerque Melo



Família de Augusto Lins em Minas Gerais

ENGENHO NOVO



O Engenho Novo foi visitado pela comitiva do Imperador Dom Pedro II em 1859, no início de sua formação, e no início dos anos 30 era de propriedade da Viúva dona Iaiá (Antonia Cavalcanti), que também não gostava do Verdadeiro nome, nos anos 40 já cansada por que não tinha filho veio para o engenho ajudá-la o sobrinho de dona Judite Lins, José Vieira para administrar o engenho e com a morte de dona Iaiá, José Vieira tomou posse do engenho e contratou para administrar o engenho o Senhor João Branco, com a

decadência da cana-de-açúcar outras culturas passou a cultivar o algodão, onde tinha no engenho máquina de fiar o caroço, sendo feito do engenho também o Senhor Antonio de Retinha. O transporte para a sede do Município era feito no lombo de burros ou cavalos. Não havia médicos, só parteiras, e muitas crianças morriam antes de completar o primeiro ano de vida, como conseqüências das precárias condições de vida da época.

Esse Engenho que também foi da linhagem do Senhor Antonio Augusto Lins, que herdou da família de Joaquim Francisco (Quinca) por ter casado com uma das suas filhas, o engenho funcionou até os anos 70 onde encerrou as atividades de fabrico do açúcar e aguardente, o Engenho foi comprado pelo Senhor Ribeiro Coutinho e depois o Engenho passou para os herdeiros ficando uma parte com o Senhor José de Painha como era conhecido e outra com Maria Helena que era casada com o Doutor João Crisostene onde mantinham um casamento só de aparência e tinham um casal de filhos.



Nanhá, Maria Julinda, Francisco Leocádio, José Painha, Renato Coutinho e João Crisóstomos



Foto de Zé de Painha de Engenho Novo

José Galdêncio(Campina Grande), Sólon de Lucena(Bananeiras). Era presidente da Paraíba no período de 1920 a 1924, João Suassuna de Catolé do Rocha também visitou o Engenho Novo quando governador e o presidente da Paraíba de 1924 a 1928, sendo seu sucessor em seguida o Sr . Miguel Satiro de Patos também teve passagem no Engenho Novo, todos esses políticos famosos visitavam nossos engenhos como também o Outeiro sem que ninguém fizesse o seu registro.



Engenho Novo

Em 1911 o engenho ganhou uma foto histórica com os líderes policiais da Paraíba na velha República, como Pedro Bezerra (Monteiro), Coronel José Pereira (Princesa) Inocêncio Pereira (cunhado do Coronel José Pereira), Matias Rolim(Cajazeira) Oscar Soares (tio do comediante Jô Soares e Celso Rolim(Sousa), também visitavam constantemente o nosso Engenho Novo.



Sinhazinha e sua prima de Engenho Novo

ENGENHO ITAPUÁ



vista da Casa Grande de Itapuá no ano 2008

Data do início de sua fundação ano 1600, logo após a expulsão dos franceses da Cidade de Nossa Senhora das Neves, nesse Engenho viveu o pai e onde nasceu André Vidal de Negreiro, nascido no ano de 1606 e Itapuá conforme narra Jaboatão (Filho de Pilar), tomado pela sede do ouro que se falava nas margens do Rio Paraíba, apareceram os aventureiros espanhóis vindo de Pernambuco e subiram o rio, provavelmente antes de Olivedos Ledo ou nessa mesma época, seguiam com eles missionários catequeses dos índios onde subiram até Fagundes onde os feroz índios da tribo tapuias empurraram eles de volta onde vieram encontrar muito ouro no Pilar.

A origem do nome Itapuá deu-se de uma tribo indígena (Tapuias) que viveu muitos anos antes de sua fundação nessa região

descende dos tabajara que subiam pelo rio São Domingos (Rio Paraíba) iam de encontro com os cariris de Pilar e Itabaiana.

O Engenho Itapuá foi visitado pela comitiva de Dom Pedro II (quando em visita ao Pilar) em 1859, é um dos engenhos mais antigo da várzea do rio Paraíba, que despontou o coronelismo no período da velha república e foi celeiro da escravidão seu dono Coronel Ursulino possuía no seu engenho cerca de uns 500 escravos que não gostou quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea esse homem ficou desesperado e xingando para todos os lados a ponto de dar “banana” para a decisão da Princesa que ninguém sabe como os boatos foram chegar ao seu conhecimento o que ocasionou de ela mandar uma expedição vir a Paraíba buscar o braço desse coronel que entrou em desespero entrando para o sobrado do engenho e ficando ali escondido e quando a guarda chegou ao engenho encontraram o coronel suicidado, mas segundo contam que o seu enterro nunca aconteceu por que o corpo sumiu sendo enterrado em seu lugar um “rolo” de bananeira. Conta-se que desse dia em diante ninguém ouviu mas falar nesse coronel ele era respeitado em toda várzea do Rio Paraíba e dizem alguns moradores do engenho que dessa data em diante não tinha quem ficava até altas horas dentro do engenho que saía assombrados com os gemidos que era escutados e na ponte do riacho onde tinha uma suporte forca ficou aparecendo um bode preto que assombrava quem ali se atrevia passar por certa hora da noite. Como todos os engenhos a Santa protetora desse engenho era Nossa Senhora das Angustia que tinha sua imagem colocada na parede dentro do engenho sendo esta feita de cerâmica estrangeira, não se sabe dizer de que pais foi trazida essa cerâmica com a imagem da santa decorada nas cores azul e branca, que com a invasão pelos posseiros foi arrancada da parede a imagem



Engenho Itapuá no ano 1950



O Engenho Itapuá foi comprado por Senhor José Lins Cavalcanti de Albuquerque (Bubu de Corredor), doado a Maria Cavalcanti Lins (Maria Menina) mãe de Henrique Vieira de Melo (Vieirinha).

O Engenho Itapuá está localizado a pouco menos de 1 Km da BR 230 e a 5 Km da sede da cidade seguindo pela vargem do Rio Paraíba. Esse Engenho pertenceu ao Major Ursulino, sendo depois comprado por seu BUBU (José Lins Cavalcanti de Albuquerque) pai de Maria Lins Vieira de Melo nascida no ano 1881 e falecida no ano 1965, (Maria menina) como era conhecida, viveu 84 anos e

casada com Henrique Vieira D'Albuquerque Melo, ele nascido aos 25 de março de 1885 e falecido em 21 de junho de 1926, viveu apenas 41 anos, Maria Lins tinha como filhos: Antonio Vieira de Albuquerque, Lourenço Bezerra de Albuquerque, Henrique Vieira de Albuquerque (Vieirinha) , sendo desse Engenho o Senhor Vieirinha herdado da sua mãe, a Fazenda Santa Lúcia no Café do Vento, Vieirinha tornou-se popular por ser o terceiro Prefeito do Município de São Miguel de Taipu onde deixou como marco na sua administração o calçamento do Mercado Público que quando chovia ninguém conseguia subir nessa calçada que era muito alta e escorregadia e construção dos degraus da Igreja Matriz que ninguém marcava casamento no período do inverno por que senão corria o risco de se atolar na subida que era de barro



Igreja Nossa Senhora das Angusta

Foi nessa Igreja onde foram enterrados os restos mortais de Maria Lins e de seus netos, ambos falecidos em consequência de acidente de automóvel, tendo em vista que a ponte sobre o rio Paraíba teve a sua inauguração no ano de 1950 e sendo construída outra no ano de 2007 tendo em vista a instrutura da primeira ponte está comprometida com os desgaste do tempo.



Jazigo de Maria Lins enterrada na igreja



Igreja Santa Lúcia

A terra onde estão as comunidades de Café do Vento e Fazenda Santa Lucia pertenceu originalmente a família de dona Maria Lins conhecida por Maria menina que criou o escritor Jose Lins do Rego quando a mãe dela morreu. Naquela época funcionava o Engenho Itapua cujo domínio se estendia até as terras da atual comunidade de Corredor e Engenho Maravalha. Eram grandes produtores de cana de açúcar. O engenho possuía grandes áreas de matas e os rios Curimataú e Paraíba que atravessam toda a propriedade. No engenho existiam também plantios de agave e

algodão normalmente plantados pelos trabalhadores moradores do sítio. Após a morte da proprietária da área foi dividida entre os dez engenheiros que posteriormente venderam as terras para o Engenho Outeiro (lado oeste) e no lado leste para a usina São João onde hoje encontra-se a comunidade de Itapuá área de assentamento rural recente. As terras restantes ficaram conhecidas como Fazenda Santa Lucia e Café do Vento esta última por causa de um hotel que existia há cerca de 50 anos atrás.

ENGENHO TAIPU



Vista da Casa Grande do Engenho Taipu

O nome Taipú originou-se de uma tribo muito feroz que habitou a região chamados Tapuias os Potiguares habitou até a altura de Espírito Santo indo até serra da Raiz.a partir daí até Serra da Borborema ficavam os cariris acima daí os ferozes Tapuias.

Os Taipuzeiros como era conhecido por toda região da várzea do Paraíba, por mais de um século eles imperaram as várzea do Rio Paraíba (antes São Domingos). A vinda de Pernambuco no início do século passado logo após a Proclamação da República, os Lins,ou melhor os Taipuzeiros,nome advindo do engenho Taipú,um dos inúmeros Bangüês da família, foram senhores de Baraço e cutelo na região onde predominava a cana flor de Cuba até a revolução de

1930. De Pilar até às várzeas do Rio Goiana, para o sul,subindo e seguindo até o leste, até João Pessoa,mandavam os Taipuzeiros. Não havia festa política ou religiosa sem a ordem desse puséramos. Até as arvores,cercas e porteiras dos engenhos dos Taipuzeiros eram sagradas.(terra em dois estados).Qual quer moradores dos coronéis tinha um tratamento diferenciado das que habitavam as cidades do Pilar, São Miguel,Espírito Santo, Pedras de Fogo e Itambé, quem cometesse um delito em qualquer dessas cidades, não poderia ser preso,após alcançar a cerca ou uma arvore de uma das propriedades de Taipuzeiros era só gritar “vale-me arvore coronel fulano de tal”.

Comenta-se que nem a Lei Áurea diminuiu o poder dos Taipuzeiros que continuaram acumulando riquezas e ampliando fronteiras do império com o trabalho escravo, no cultivo e preparo do açúcar bruto e o algodão colhido com braço escravo dos moradores.

Com a decadência e as desavenças no seio da família. Após o desaparecimento do patriarca e fundador do Clã o coronel José Lins.

Em 1930 (período da Revolução) a força dos Taipuzeiros já estava reduzida a metade. Depois que o Clã morreu léguas e léguas de terra desapareceu e alguns dos Taipuzeiros quase morreram na mendicância, pouco tempo depois sumiu quase tudo,dum patrimônio fabuloso que se estendeu a uma dezena de municípios em dos estados restam dos descendentes do Taipuzeiros duas pequenas,glebas de pouca serventia (a ferra do próprio engenho) com poucas hectares de terra.



Eugenio Lins Albuquerque

O Engenho Itaipu não tem uma data precisa de quando ocorreu a sua fundação, o nome também tem histórico indígena devido ser muito grande a influência de tribos indígenas na região e os (Tapuias) inspirou alguns nomes de engenhos na região, esse engenho também foi visitado pela comitiva do Imperador Dom Pedro II em 1859, nessa época não se sabe o certo se era realmente seu “ NUM” o primeiro dono, mas o engenho tinha um grande número de escravos o que dá ao entender que a sua fundação data dos anos de 1800 e que também os donos eram conhecidos como carrasco que por qual quer besteira estava jogando escravo na fornalha, principalmente os mais velhos que não mais prestavam para os serviços braçais, comenta-se os mais velhos que era uma tradição no início da moagem de jogar um escravo na fornalha, como um ritual satânico, comenta-se também que era comum encontrar na

mata acima do engenho ossadas de escravos com a corrente ainda presa nos calcanhares e no pescoço.

Esse engenho era um dos citados nos romances do Escriba Zé Lins do Rego onde o poço das pedras ficava a entrada para o Engenho Itaipu, mas não se tem notícias que foi feita alguma filmagem nesse engenho, era citado por ficar mais próximo do Bela Rosa (Corredor) e por ser o Coronel Paulino do Pilar parentes dos taipuzeiros como eram conhecidos na região.



Bartolomeu Lins de Albuquerque e família



Eugenio Lins, Bartolomeu Lins, Baltazar Lins, Inácio Albuquerque,
Gilberto Lins e a garota Dinora Lins
Estes senhores governaram o Engenho Taipu com braços fortes e
eram respeitados em todo litoral paraibano

ENGENHO MARAVALHA



Fazenda Maravalha (Casa Grande já não existe mais)

O nome Maravalha, significa” Gravetos para fogo; acendalhas”. Os primeiros donos deste Engenho Maravalha foram: João Lins Cavalcanti e Luzia Lins da Veiga Pessoa, da união desse casal nasceram os seguintes filhos: Emilia Augusta Lins Vieira de Melo (mãe de seu Lola), Ana Adelaide Lins V.Cavalcanti, Henrique Lins Cavalcanti (que mudou para Minas Gerais, tomar conta de uma fazenda), Alice Lins V. Cavalcanti, Gentil Lins , Rubens Lins Cavalcanti (pai de Dona Montinha de Corredor), Cynthia Lins Cavalcanti (casou-se com filho de Taipu) e Maria da Assunção. Não se sabe a data exata de sua fundação, mas foi feito de material não muito resistente devido a dificuldades de tijolos de fabricação caseira que ainda não dispunha no Engenho, por isso, a casa Grande já não existe devido a fragilidade da construção.

O Coronel Gentil Lins foi o herdeiro do Engenho Maravalha tinha duas filhas: Judite Lins e Dona Cecília Lins, que com a morte dos pai lutaram bravamente para não perderem o engenho e suas terras, chegando inclusive a se entrincheirarem armadas de unhas e dentes para enfrentar os seus inimigos que queriam tomar o engenho, Judite casou-se com Abílio Costa e não tiveram filhos, tiveram um filho adotivo(Antonio) que era como era conhecido pelo apelido de Antonio Fon.

Nos fins dos anos 30, o Engenho Maravalha, entrou em decadência e em 1942, o engenho foi vendido a Lourenço Vieira de Albuquerque (Seu Lola) que era dono da Fazenda Beleza, por uma quantia de 200 mil réis vendida por dona Cecília e vindo morar na cidade em uma casa construída de lado da Igreja Matriz.

O Engenho tinha deixado a pouco tempo de moer e de fabricar cachaça, o engenho estava em bagaços; seu Lola ajeitou e colocou novamente a funcionar, conta-se que no alambique ainda se encontrava uma grande quantidade de cachaça da muito boa.

Corriam uns comentários na redondeza que seu Lola era muito mão de “vaca” que queria que seus moradores trabalhassem praticamente de graça pagando dois dias de foro e não podia trabalhar em outro lugar sem antes pagar esses dois dias de graça pois ele era um péssimo pagador. Dona Bebê era a esposa de seu Lola e não gostava do verdadeiro nome (Francisca) quando alguma morador perguntava pelo nome dela ela desconversava, comenta-se que ela era muito atenciosa com os seus moradores e gostava de levar uma boa conversa e era muito visitada pelas senhoras dos engenhos vizinhos.

ENGENHO LAGOA PRETA



Vista da Casa Grande de Lagoa Preta no ano 2010

A origem do nome deu-se de uma lagoa de água muito turva que tinha por trás do engenho, que com o alargamento do rio Paraíba essa lagoa já não existe a muito tempo. O Engenho Lagoa Preta não se sabe exatamente a data de sua fundação (sua terra serviu de passagem) quando a comitiva de Dom Pedro II, quando em (visita ao Pilar), mas esse engenho foi comprado por uma família de sertanejo bastante conceituada no sertão da Paraíba, que resolveu sair de suas terras para comprar um engenho mais próximo do litoral onde oferecia melhores condições de escoar a sua produção de suas lavouras que eram grandes plantadores de frutas e cana-de-açúcar, e por ser mais fácil o acesso ao Porto da Capitania.

Não se tem certeza a quem pertencia as terras do Engenho. Ana Luis Vieira de Melo (Sinhá Nóbrega) e Dr. Francisco Gouveia de Nóbrega, seus filhos: Getúlio Gouveia Nóbrega, Francisco Gouveia Nóbrega Filho, Arnouh Gouveia Nóbrega, Carlos Gouveia Nóbrega, Alberto Gouveia de Nóbrega e Gilberto Gouveia de Nóbrega.



Foto histórica de Lagoa Preta



Gilda de Lagoa Preta

Grupo de Jovem seguidores Mistas de Comissário da Academia de Santa Gertrudes de Olinda –PE em visita ao Engenho Lagoa Preta em Novembro de 1928, sendo Nina Nóbrega a terceira da esquerda para a direita.

Gilberto Gouveia de Nóbrega Filho, nunca casou, mais teve um casal de filho com a empregada da casa, Maria da Paz, filha de dona Maria Lucas, moradora do engenho, o romance de Gilberto durou até enquanto seus pais eram vivos, conta-se que dona Sinhá Nóbrega era uma mulher muito vaidosa e mesquinha não permitia que um morador pegasse uma fruta no seu pomar, na sua casa não permitia que ninguém comessem nos seus pratos que era de fino trato (Baixela nobre), ela tinha a fama de orgulhosa por que não gostava de falar com os mais pobres. Seu Gilberto pai de Gilberto filho, aceitou o romance do filho com a empregada Maria da Paz “mas comeu o pão que o diabo amassou” para suportar a sogra e a cunhada que faziam de tudo para separar os dois e com a morte do Senhor Gilberto o fato foi consumado. Maria da Paz foi praticamente expulsa do engenho pela irmã de Gilberto dona Nina que não queria

Maria da Paz mas queria criar os sobrinhos. Por ser Nina madrinha de Gilda essa foi criada com todo dengo a ponto de rejeitar a própria mãe

(Maria da Paz), já o Gildo era carinhoso com a sua mãe que sempre visitava ela em Itabaiana onde ela passou a residir e formou nova família onde teve um casal de filho a menina se chamava Carolina (Carol) e o menino se chamava Flanklin (já Falecido). Gilda e Gildo com a morte dos pais em 1978, passaram a administrar a Fazenda, Gildo casou-se com a jovem Rosa de Lourdes Borges, onde tiveram 5 filhos; Valquiria , Janaína, Júnior, Germano e Raquel. Nos anos 70 com a morte trágica de Gildo, Rosa de Lourdes, mudou-se com os filhos para viver em João Pessoa, onde reside até hoje, uma de suas filhas Janaína, reside na [Espanha](#) [Alemanha](#).



Foto de Gilda com as amigas em seu aniversário de 15 anos, na Fazenda Lagoa Preta , tirada em 1º de novembro de 1953.



um dos bueiros do Engenho Lagoa Preta que permanece em pé e com a reforma em 2008, traz as inscrição com o nome da fazenda. Lagoa Preta pertence hoje ao Empresário Preto dono da rede de supermercado BEMAIS



Homem avisando enchente no Rio Paraíba no período de inverno no Engenho Itapuá, prática muito usada no passado para avisar das enchentes quase todos os engenhos da região alguns moradores ribeirinhos possuía um búzio em casa.

Enchente no Rio Paraíba ano 2009



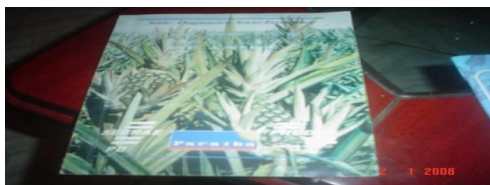
Bandeira dimensões 1,20m x 0,80m

O símbolo do Município é representado pela Bandeira que foi criada por Lei Municipal de 10 de Dezembro de 1985, foi justamente neste período em que o município completava 24 anos. A bandeira tem as cores; verde e branca, dividida em duas fixas iguais em sentido verticais e na parte de cima fica o nome e os símbolos Abacaxi e cana-de-açúcar, três estrelas que representa os 3 poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. E a lua brilha em nosso céu e as cores verde e branca representam a esperança e a paz.

A Lei Orgânica do Município de São Miguel de Taipu foi criada em 1990, com 145 artigos, na Gestão do Presidente da Câmara Severino Bonifácio de Albuquerque e Advogado Nobel Vita



Livro Lei Orgânica do Município aprovada em 1990



Primeiro diagnóstico impresso do município data do ano de 1998, Impressão de Livro pelo SEBRAE produção agrícola, diagnóstico da saúde, Educação e Infra-estrutura dos últimos 5 anos.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

A Secretária Municipal de Educação: Vitória Régia Gomes Simão, foi nomeada Secretária no ano de 2009 em substituição a Professora Maria José Sales da Costa Rocha, para dar continuidade onde vinha desenvolvendo um belíssimo trabalho com o apoio da Prefeita Marcilene Sales da Costa que tem dado toda prioridade na área da educação reformando e equipando todas as escolas da zona rural como também o CIEM-HV que os filhos dos munícipes tenham uma educação de qualidade o que não se cansa de preparar seus educadores com oficinas e cursos específico de cada profissional.

Um documentário para quebrar o silêncio

José Nêumanne



Os engenhos Corredor, onde o gênio do romance José Lins do Rego nasceu, e Tapuá, onde ele passou a infância, ambos em Pilar, na Paraíba, ruíram e agora não é mais possível visitar o universo arquitetônico que inspirou o escritor que captou de forma mais exata e inspirada a decadência dos engenhos e o advento das usinas de açúcar no Brasil. O casarão que pertenceu a André Vidal de Negreiros, herói paraibano da guerra contra a ocupação do Nordeste pelos holandeses, resistiu mais de três séculos ao tempo, mas desabou em 40 anos: ainda estava de pé quando Walter Lima Jr. fez tomadas em seu interior para *Menino de Engenho*, clássico do Cinema Novo, nos anos 60 do século 20, mas hoje não existe mais. Risco idêntico de desaparecer corre a fama de uma obra literária de primeira água: o ciclo de romances, crônicas e memórias – no qual se destacam o sucesso de *Menino de engenho* e o primor de *Fogo Morto* - de um prosador que não pode ser esquecido. Esta denúncia percorre as imagens e falas de um documentário, que, depois de ser exibido em festivais de prestígio, conseguiu o milagre para fitas do gênero de entrar no circuito das salas de exibição comercial no Brasil: *O engenho de Zé Lins*. Dirigido por Vladimir Carvalho, que nasceu em Itabaiana,

cidade paraibana onde o autor de *Riacho doce* estudou, a obra faz revelações que já deveriam há muito tempo fazer parte do acervo crítico da academia ou da imprensa brasileira. E o simples fato de elas serem de primeira mão já denuncia o descaso, o desleixo e a inépcia dos responsáveis pela manutenção do rico e abandonado patrimônio literário do povo brasileiro.



Zé Lins beija a bandeira do Flamengo

O título do documentário é expressivo porque aborda exatamente o aspecto mais revoltante e relevante do material pesquisado, filmado, gravado e editado pelo cineasta e professor universitário, que, como o autor destas linhas, tem confessa veneração, quase religiosa, pela obra do escritor tão importante quanto relegado a um injusto plano inferior. O conjunto arquitetônico desaparecido e o solo em seu redor ocupado por militantes sem-terra não têm o valor intrínseco da obra literária do homem que lá nasceu e passou a infância, mas suas ruínas denotam a incapacidade do Estado brasileiro de zelar por bens que não poderia ter deixado destruir. A casa onde nasceu outro grande escritor, da geração de Zé Lins, João Guimarães Rosa, em Cordisburgo, nos sertões do Norte de Minas Gerais, e a vendinha de seu pai, ao lado, são o exemplo oposto de como devem servir e funcionar prédios nos quais se fez história ou se produziu cultura. O turista que vai à pequena cidade conhecer a gruta de Maquiné, em seu território, tem oportunidade de ver os locais onde o

autor de *Sagarana* nasceu, viveu e colheu as histórias e o estilo dos tropeiros e tangerinos que paravam para fazer compras e jogar conversa fora no armazém. A visita serve de esclarecimento e estímulo a serem acrescentados à leitura da fabulosa fortuna crítica sobre a grande personalidade que ali viveu seus anos de formação. Tendo sido José Lins do Rego o mais acurado retratista em palavras da decadência dos engenhos de açúcar, de cujos produtos viveu o Brasil em seus primórdios, mais falta ainda faz sua paisagem hoje às gerações que nem sabem o que foram engenhos nem aprendem que aquelas ruínas já falam de uma segunda derrocada, a das usinas, que substituíram estes engenhos



Vladimir Carvalho, diretor do filme *O engenho de Zé Lins*



Engenho de Tapuá, São Miguel do Taipu, Paraíba. Foto de Tiago Queiroz, Agência Estado

Contra a empáfia e a ignorância - Ao estabelecer o diálogo criativo entre as cenas coloridas por ele filmadas agora e as imagens em preto e branco gravadas em película por Walter Lima Jr. em *Menino de Engenho*, Vladimir Carvalho não apenas inova a linguagem do cinema documental e põe em relevo a dicotomia da obra do escritor retratado: memória e ficção. Ele também compartilha com o espectador o espanto e a revolta por ver como os agentes públicos brasileiros, escravizados pela própria ganância por poder e recursos do Erário, deixaram desabar paredes que desafiaram séculos num prazo curtíssimo comparado com o tempo em que elas permaneceram de pé. A visão do casarão que pertenceu ao herói da guerra contra a ocupação holandesa impressiona por

si, mas chega a assustar mais quando posta em contraste com a filmagem do mato que o substituiu.

Só que o documentarista não berra, não brada, não esbraveja: ele apenas geme e chora, convidando o espectador à reação. Com isso, deixa no ar o medo de que seja cometido, contra a obra que aquela paisagem arquitetônica, econômica, social, geográfica e humana inspirou, um assassinato por amnésia, doença semelhante à indiferença que a desfigurou. Grave é o delito da passividade ante a derrubada de solares, senzalas e engenhos, que impede o testemunho físico do que a memória prodigiosa do escritor registrou. Gravíssimo também é o silêncio que mantém sua obra no limbo, vítima das modas acadêmicas e da ignorância dos homens públicos levados à gestão do patrimônio artístico, estético e cultural do País. É preciso resistir contra isso. E é o que Vladimir ajuda a fazer no seu filme, preenchendo a enorme lacuna da empáfia e da ignorância dos donos dos poderes da academia e da República.



Engenho Corredor

Águas da glória e da desgraça - Mais relevante que tudo isso ainda é o pungente depoimento de Tiago de Mello sobre as dolorosas agonia e morte precoce do grande romancista. O poeta amazonense descreveu com detalhes a brutalidade com que o esquistossoma adquirido nos banhos nas águas poluídas do rio Paraíba (fontes de sua glória e de sua desgraça) na infância corroe, de maneira implacável, os vasos biliares do amigo mais velho, sangrando-o e o levando à morte aos 56 anos de idade. Banhada de lágrimas e mesclada com fatos pitorescos, típicos da personalidade esfuziante e trágica do admirador de Dostoievsky, a descrição é inédita e inusitada, configurando-se uma contribuição inestimável da obra à história do gênero documental no cinema brasileiro.

Outro desses pontos altos é o depoimento de Sávio Rolim, o cinquentão que protagonizou o mais célebre personagem da literatura de Zé Lins, Carlinhos, o menino de engenho. Com o juízo derretido pelo álcool, o ator de cenas memoráveis é filmado em sua casa miserável desfiando histórias sem nexos. Mas surpreende o espectador quando o cineasta recupera sua memória exata e aguda ao levá-lo ao engenho Tapuá, onde foram feitas as filmagens de *Menino de Engenho*, há 40 anos.

ENTREVISTA COM Erinaldo Alves

Tive o privilégio de ler, ainda adolescente, os romances de José Lins do Rego. As páginas envolventes de "Menino de Engenho", "Doidinho" e "Fogo Morto" povoaram minha imaginação com imagens da cidade de Pilar e do Engenho Corredor, também conhecido como "Santa Rosa". No dia 30 de Maio de 2008, tive a oportunidade de confrontar as imagens idealizadas pela minha mente com as "reais" obtidas a partir de observações do local. A oportunidade surgiu com uma viagem – denominada "expedição fotográfica à cidade de Pilar/PB" – realizada com o propósito de registrar em imagens

alguns cenários relacionados ao universo geográfico e cultural da obra de José Lins do Rego.

Trata-se de uma programação alusiva à comemoração, em 2008, do ano cultural José Lins do Rego, promovida pela Secretaria de Educação do Município de João Pessoa. A expedição, deste dia, envolveu o professorado de Artes e Educação Física. Na mesma semana, outras turmas de docentes das áreas de História, Geografia, Ensino Religioso, Português e do Fundamental I realizaram o mesmo roteiro. Tais disciplinas foram envolvidas para se articularem em torno de um projeto interdisciplinar. Considero tal iniciativa muito importante porque ajuda a familiarizar o professorado e o alunado com as principais personalidades da arte e da cultura paraibana. A minha participação foi possível porque integro a equipe de ministrantes da formação continuada da área de Artes Visuais, o que revela uma importante articulação entre o Ensino Superior e a Educação Básica, entre a UFPB e a Prefeitura Municipal de João Pessoa.

A viagem permitiu-nos, além de uma aproximação maior com o professorado de artes da rede municipal, conhecer a histórica cidade de Pilar, fundada em 1885, e nos surpreender com o abandono ao qual está submetido o famoso Engenho Corredor, local onde José Lins do Rego nasceu e viveu sua infância. Pude realizar algumas fotos, cujas imagens e impressões

impulsionaram-me a escrever como uma forma de protesto.

O imponente, glorioso e instigante engenho dos relatos de José Lins está ameaçado de desabamento, transformado em escombros, em abrigo de maribondos e morcegos, cheio de pichações no seu interior. Em vez de reforçar o prazer, provocado pela memória dos textos de José Lins, tive receio e medo ao adentrar no Engenho na situação atual em que se encontra. A Casa Grande do engenho e as demais habitações e armazéns parecem um cemitério abandonado.

Esta situação não pode continuar.

Vivemos um momento no qual o Governo Federal, via o Ministério da Cultura, incentiva a criação de museus e bibliotecas. Há várias linhas de financiamentos, as quais podem ser facilmente localizadas no site oficial do referido Ministério. É preciso impedir que o conjunto arquitetônico, tombado por meio do Decreto Estadual nº. 20.137, de 02 de dezembro de 2008, desmorone.

O Ministério Público Federal formalizou, em 2007, uma ação ajuizada com o objetivo de garantir a recuperação e a preservação do patrimônio histórico do Engenho Corredor, tendo como réus os proprietários, que especulam com a destruição do patrimônio cultural, o Governo do Estado e o IPHAEP, omissos ao assistirem passivamente à destruição.

O Engenho Corredor é um importante exemplo do que fazemos com a nossa memória e o nosso patrimônio cultural: deixamos que vá ruindo até desaparecer, quer seja por uma restrita visão comercial ou por uma simples omissão governamental.

A Paraíba está fazendo com a memória de José Lins, o contrário do que faz a cidade de Granada, no sul da Espanha, com a memória do poeta Federico Garcia Lorca. Em Granada, tive o privilégio de visitar, por exemplo, a casa da família Lorca, onde viveu o poeta de 1926 até o início da Guerra Civil espanhola, em 1936, quando foi assassinado por nacionalistas, acusado de subversão, por nutrir visões socialistas e por se assumir como homossexual. A casa de Lorca está preservada, com o mobiliário da época. Integra um importante roteiro turístico e cultural, ao lado do imponente conjunto arquitetônico conhecido como "Alhambra", castelo construído pelos islâmicos, além das tradicionais casas decoradas com pratos de cerâmica e plantas que tão bem caracterizam a bela cidade espanhola de Granada.

O Governo do Estado quer fortalecer o turismo para criar empregos na Paraíba. Isso só é possível enaltecendo o que a Paraíba tem de singular e de importante do ponto de vista social e cultural. A obra de José Lins do Rego é conhecida nacional e internacionalmente. Pilar e o Engenho Corredor são testemunhos arquitetônicos, sociais e culturais da história cultural do Brasil e da Paraíba. As ruínas do

Engenho Corredor clamam por ação e articulação política. Outros leitores dos romances de Zé Lins têm o direito de confrontar a visão idealizada de Pilar e do Engenho Corredor com imagens concretas de um belíssimo conjunto arquitetônico. Escrevo para fazer ecoar o meu grito para que a cidadania cultural, relacionada com o universo literário de Zé Lins, não possa ser obstruída. Viva a memória do Engenho Corredor!

Erinaldo Alves

ATIVIDADES ESPORTIVA DO MUNICÍPIO

Time da Internacionale



Mini Campo de Oiteiro

Hoje o futebol do Município deu um grande avanço onde podemos destacar clubes como: Juventus, Guarani, Portuguesas, Sport, Flamengo, Atlético de Água Fria, Atlético de Antonio de Ernandes, 13 Futebol Clube de João Paulo e a Escolinha da Internacionale do Técnico Aurélio e a Flamenguinho de Zema, destaca-se também o esporte feminino e o futebol de Salão com o time da Graxa

O 1º Campeonato Municipal com patrocínio da Prefeitura Municipal foi realizado em 2005 sendo Campeão o Time do Bangu Futebol Clube.

Em 2007 foi disputado o 1º Campeonato de Beach Soccer de areia do Município sendo Campeão o Time da Placa com os jogadores: Pita, Jose Paulo, Evaldo, Galego, Carlos e Vice-Campeão o Guarani

Foi convidada também para participar pela 1ª vez o Campeonato Paraibano de Beach Soccer a Seleção de São Miguel de Taipu, pelo Técnico José Aurélio de Melo no comando, chegando a decidir o primeiro turno com a equipe do Sou do Bairro da capital, onde saiu vice-campeão e se consagrando Campeão Paraibano de 2008



ATLETICO (BEACH SOCCER)



TIME DO JUVENTUS NA SUA FORMAÇÃO INICIAL (2003)

O 2º Campeonato Municipal realizado em 2006, está sendo realizado entre 16 clubes e são finalista o Juventus e Atlético de Ernandes, onde foi marcado no placar 1X1, Sendo Campeão o Atlético de Ernandes ficando a Juventus com o Vice-Campeonato.

Sendo finalista pelo Copa de Juniores os Times: Sport Futebol clube foi o campeão e Atlético de Ernandes com o vice-campeonato.

Atualmente o esporte de São Miguel de Taipu está bem representado com atletas como Niniu, René, Cascão, Paulinho e Beto. Destacamos Ricardinho do Palmeira –SP, que tem raízes em nossa terra. Em relação aos goleiros destacamos: Coringa, Neném, Naldinho ex-Bangu e Fabinho pelo Juventus que são verdadeiros filho da terra.

A COPA CULTURA

Pela primeira vez um clube da cidade o Juventus participou esse campeonato organizado pela Cultura de Guarabira onde disputou de igual para igual com os clubes da região fez uma belíssima campanha foi vice-campeão.



BEACH SOCCER

A Juventus do Técnico Feijão participou por duas vezes a Copa Rural de Guarabira chegando só as oitavas e finais nos anos 2007/2008 e não mais participou por não encontrar patrocinador para o clube o time já não existe mais.



Time de Futsal Manchester Unitid

No ano de 2008 fez surgir no Município novos times de futsal, a exemplo da Manchester Unitid do Militar Sinvaldo Stifeld, que foi fundada no ano de 2008, que também teve passagem na missão de paz no Haiti antes do terremoto de 2010.



Manchester Unitid disputando torneio na cidade de Itambé



Mini Campo de Oiteiro- São Miguel de Taipu



Sociedade Esportiva São Miguel

O Time da Sociedade Esportiva foi fundado no ano de 2008 pelo Jogador Alexandre Barbosa de Lima, com jogadores veteranos onde mantêm parceiras com os próprios jogadores quanto na necessidade de renovar o padrão de camisas, shorts e meiões. É cobrado também dos jogadores uma pequena quantia para pagar o transporte quando houver deslocamento para jogos fora do município. O time não têm sede própria.



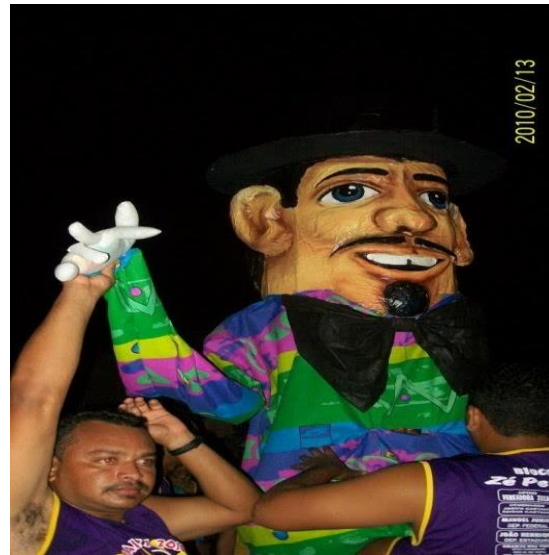
A equipe de Beach Soccer de São Miguel de Taipu, vice-campeão paraibano, participará da Copa Verão de Beach Soccer 2010.

OS FESTEJOS DO CARNAVAL NO MUNICÍPIO



Bloco do Zé Pereira

O Bloco do Zé Pereira é uma tradição do carnaval de São Miguel de Taipu, desde o ano de 1983 que a família dos Caetanos se encarrega de fazer o arrastão na abertura do carnaval e este ano o Zé Pereira veio de cara nova, no início começou com o Zé Pereira com uma enorme caixa de papelão na cabeça e hoje sendo um dos blocos mais antigos no carnaval do município e hoje está aos cuidados da Vereadora Maria José da Silva Ararujo (Zuza).



Sai também no primeiro dia de carnaval o Bloco do Vapor da irmã do Vereador Ricardo Pereira, onde arrasta um grande multidão de carnavalesco.



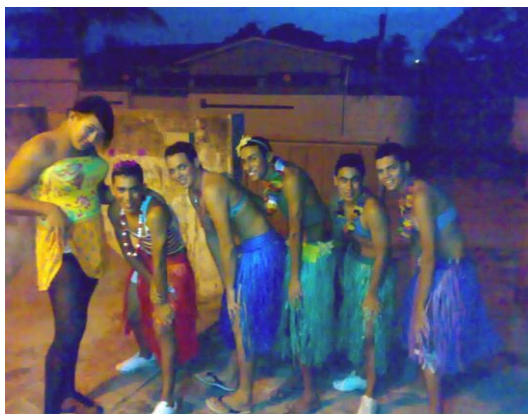
Bloco do Carnavensário

O Bloco do Carnavensário está no seu 5º ano, foi uma forma do professor Arnaldo dos Santos homenagear a sua esposa que aniversaria no mês de fevereiro, onde é feita uma pequena comemoração e depois o bloco sai à rua para comemorar, esse bloco sempre sai no terceiro dia de carnaval.



Bloco das virgens

O Bloco das virgens era um bloco meio retraído no passado, mas hoje está crescendo o número de adeptos que não tem preconceitos ou tabu de se vestir de mulher e sair as ruas para comemorar.



remanescentes do Bloco das Virgens



Urso de Carnaval pousando para fotos

O Urso de carnaval vem cada vez mais se modernizando, não se ver mais urso vestido de samambaia, devidos as matas terem sumidos na região, hoje os ursos saem as ruas com mais de mês antes do carnaval, tornando-se nas ruas uma verdadeira disputa nas ruas e nas feiras livres nos finais de semana, hoje já é mania das crianças fazerem seus próprios bumbos e rasgarem trapos velhos de roupas e fazerem seus ursos as vezes com máscaras feita de papelão.



Galera dos Caetanos

O Bloco familiar da Galera dos Caetanos foi mais uma inovação do carnaval nesse ano de 2010, os familiares se vestiram iguais para pular o carnaval em perfeita harmonia, curtiram nessas três noites muito ritmos carnavalescos com as bandas: Essência Pura e Capital do Sol, com Patrocínio da Prefeitura Municipal e PBTUR.



Bloco do Flamengo saiu pela primeira vez no ano 2010

O Bloco do Flamengo saiu pela primeira vez foi uma organização de Zé Lins, autêntico flamenguista, seu bloco arrastou multidão pelas ruas da cidade no segundo dia de carnaval teve muita cachaça e chopp para os flamenguistas que gostam de brincar um autêntico carnaval.



Grupo de Idosos de bem com a Vida

Você sabia que existem leis que garantem atendimento preferencial em bancos, assentos reservados em transportes coletivos e acompanhamento de familiares para idosos acima de 65 anos durante a hospitalização



BANDA MARCIAL IRMÃ CECILIA HOES

SÃO Miguel de Taipu participou do III Celebrando Augusto dos Anjos na cidade de Sapé



















